

A multiplicidade religiosa no espaço urbano capixaba: um mapeamento sobre as relações entre sociedade e religião na Grande Vitória - ES.

Leide Bela de Brito Anália da Costa. UFES - leidebela@bol.com.br

Resumo: Um olhar mesmo que desatento sobre a cidade, quer nas regiões centrais, quer nas periferias, perceberá facilmente que a multiplicidade religiosa salta aos olhos. Na medida em que os limites se tornam cada vez mais diversificados, as interseções e as formas híbridas de agrupamentos e ocupação desse espaço comum, essas, tomam o lugar de definições e fronteiras mais precisas nas relações entre indivíduos, comunidades, sociedades e religião nos centros urbanos. Assim, compreender as diversas formas que se apresentam atualmente essas relações sociais, é um dos aspectos a serem levados em conta no estudo do campo religioso e social que tem iluminado as pesquisas de forma cada vez mais forte, apresentando-se de grande interesse para o pesquisador das Ciências Sociais na contemporaneidade.

Palavras chave: religião e espaço público; perfil religioso da Grande Vitória, ES.

Leide Bela B. Anália da Costa¹

O Estado do Espírito Santo guarda muito de seu passado histórico em seus templos religiosos. Desde a chegada dos primeiros colonizadores no local que hoje conhecemos como “Sítio Histórico da Colonização do Solo Espírito-Santense” localizado na Prainha, em Vila Velha, constata-se ali e, ao longo de todo território nacional, a presença e um destaque do Catolicismo, que até a Proclamação da República, era a religião oficial do Brasil. Isso perdurou durante os primeiros trezentos anos de colonização jesuítica no período colonial. Com a expulsão dos jesuítas pelo Marquês de Pombal, em 1759, parte

¹ Pedagoga, Mestre em Educação pela UFES. Doutora em Ciências da Religião pela PUC/SP. Aluna ouvinte na Disciplina: “Socioanálise do Mundo Contemporâneo e o Impacto da Modernidade sobre o Fenômeno Religioso” no curso de Mestrado em Ciências Sociais da UFES, sob orientação da Prof^ª Dr^ª Sonia Missaglia Mattos; 2011/1. Contato: leidebela@bol.com.br.

desse patrimônio foi condenada ao abandono, saques e a destruição pelo desgaste natural do tempo. Além disso, com o advento das Regências, do Império e da República, a partir do Século XVIII e XIX, foram chegando os primeiros imigrantes europeus (de diversas procedências), e trouxeram consigo, sua religiosidade, cultura e culinária. Esses últimos juntaram-se aos africanos e nativos mesclando assim um *modus vivendi* que não mais seria único em terras desse novo mundo, formando assim, um *substratum* religioso que subjaz aos elementos de uma matriz religiosa brasileira² e da religiosidade matriarcal que dela se deriva tecendo-se nos diferentes modos de expressão de nossa multiforme realidade cultural desde seu início até os dias de hoje.

No Brasil, os jesuítas fundaram cidades a partir de suas igrejas e aldeamentos, que, posteriormente, transformar-se-iam nas grandes capitais e cidades de renome nacional; fixaram-se nas regiões do interior e sertão brasileiros e nas capitais das regiões do nordeste e sudeste; os africanos firmavam suas práticas de cultos aos ancestrais nas senzalas e, posteriormente à abolição da escravatura, fixaram-se nas adjacências do Rio de Janeiro, Maranhão, Pernambuco até ao litoral baiano e nas regiões do litoral sul. Organizaram seus terreiros de Umbanda e Candomblé (claro que com algumas diferenciações conforme a origem e países de onde seus pioneiros e ancestralidades são oriundos) e suas que perduram até hoje e são conhecidos como “Casas de Santo” ou Fraternidades de origem africanas e ou afro- descendentes em todo país, os quais estão em crescente ascensão. Já os migrantes europeus inauguraram uma nova forma de culto: o culto protestante e sua nova liturgia. Suas práticas austeras de trabalho e desenvolvimento tecnológico trouxeram grande desenvolvimento a determinadas regiões de fixação, onde instalaram suas edificações e colégios confessionais. Aos índios nativos, restaram-lhes manter suas tradições culturais e religiosas sempre à margem e a distância (onde conseguiam se refugiar com suas famílias e comunidades, em tribos de diversas etnias e dialetos), cada vez mais afastadas dos territórios povoados pelos novos habitantes. Sua influência social, no entanto, não tão menor que as outras, entretanto, menos visível.

² FILHO, José Bittencourt. “Matriz Religiosa Brasileira: religiosidade e mudança social”. Petrópolis, RJ: Vozes: Petrópolis; Rio de Janeiro: KOINONIA, 2003.

Assim, para a nova sociedade brasileira que se desenvolvia, isto é, para a nova classe social emergente a partir do século XVIII e XIX, as pequenas cidades e seu entorno, era para todos, um lugar onde se realizavam interesses (políticos, mercantis e econômicos e etc.) com mais liberdade. Os arredores mais distantes onde predominavam as atividades de campo (agricultura e pecuária) representavam contrariamente à cidade (vila ou povoado), o espaço da imutabilidade, trabalho escravo, vida pacata e tradição (no caso brasileiro: a lógica rural). No novo mundo, assim como foi na idade Média, o Brasil nascente teve na “cidade”, fundamentalmente, o lugar de movimento, onde se efetivavam as condições objetivas de expandir e acumular capital. Enfim, a cidade representava, em relação ao campo e ao interior, uma forma de crescimento e transformação. O espaço urbano constituiu-se num lugar de ruptura. E cada vez mais com o advento da “urbanização”, este lugar trouxe em seu bojo a modernidade (mesmo que tardia para os brasileiros).

A partir desse cenário, o grande desafio ao estudioso do fenômeno urbano e suas interfaces com as relações sociais é perguntar-se, ‘em meio ao emaranhado da multiplicidade cultural e religiosa atual, de que forma esse fenômeno se articula com a cidade e com as demandas religiosas das pessoas que nela vivem’ (Sanchez, 2009, p.48).

Retratamos aqui, distintos indicadores de ocupação social e populacional, sendo que todos estes indicadores estão relacionados com o fator religioso na cidade. Através de uma seqüência de gráficos, tabelas e mapas são possíveis visualizar como são ocupados os territórios desta metrópole e quais as religiões que predominam entre as diversas camadas sociais que a povoam. Nosso objetivo aqui O objetivo foi demonstrar a ocupação e o perfil “multifacetado” da cidade de Vitória e, guicá, posteriormente (no desenvolvimento desse estudo), o poder que a religião exerce na vida social e revelar sua influência no processo de exclusão e inclusão social. (Apresentamos por hora, um panorama religioso brasileiro e capixaba e algumas perspectivas de relação e de futuro da religião numa sociedade (e na cidade) pós-industrial e urbanizada, em processo de globalização e suas configurações com o espaço urbano contemporâneo.

Assim, o texto ora proposto, apresenta modestamente, um panorama geral do perfil religioso brasileiro que se reflete numa multiplicidade religiosa nos estados e regiões e

mais especialmente, no Espírito Santo, na região metropolitana da grande Vitória, nossa querida capital capixaba.

1.1 ASPECTOS DO CAMPO RELIGIOSO NA SOCIEDADE GLOBAL

Segundo Steil (2008, p. 7-15), a pluralidade e a diversificação das religiões que, a partir do início do século XX, vão pouco a pouco configurando o campo religioso mundial, atestam antes uma condição estrutural da religião na sociedade global. Portanto, para esse autor, a pluralidade e fragmentação religiosa são fruto da própria dinâmica social contemporânea. No campo das tradições religiosas, parece que a modernidade realizou efetivamente os seus objetivos, isto é, nos deparamos com resultados bastante contraditórios. A sociedade mundial ingressou no segundo milênio com seu campo religioso profundamente transformado e reordenado, em que diferentes formas de expressões religiosas – institucionais e não institucionais, tradicionais e novas, permanentes e efêmeras, fundamentalistas e performáticas, sectárias e ecumênicas, convivem no contexto de um pluralismo que parece não colocar limites à diversidade.

No Brasil, isso não é diferente. Veremos no item a seguir um perfil geral do campo religioso brasileiro marcado por mudanças nestas últimas décadas especialmente.

1.1 ASPECTOS DO CAMPO RELIGIOSO NA SOCIEDADE GLOBAL

Segundo Steil (2008, p. 7-15), a pluralidade e a diversificação das religiões que, a partir do início do século XX, vão pouco a pouco configurando o campo religioso mundial, atestam antes uma condição estrutural da religião na sociedade global. Portanto, para esse autor, a pluralidade e fragmentação religiosa são fruto da própria dinâmica social contemporânea. No campo das tradições religiosas, parece que a modernidade realizou efetivamente os seus objetivos, isto é, nos deparamos com resultados bastante contraditórios. A sociedade mundial ingressou no segundo milênio com seu campo religioso profundamente transformado e reordenado, em que diferentes formas de expressões religiosas – institucionais e não institucionais tradicionais e novas

permanentes e efêmeras, fundamentalistas e performáticas, sectárias e ecumênicas – convivem no contexto de um pluralismo que parece não colocar limites à diversidade.

No Brasil, isso não é diferente. Veremos no item a seguir um perfil geral do campo religioso brasileiro marcado por mudanças nestas últimas décadas especialmente.



1. Diversidade religiosa no Brasil³

Analisando o campo religioso brasileiro encontramos dificuldades no próprio processo de compreensão do mesmo. De um lado, podemos observar mudanças profundas dentro do próprio Cristianismo, conjunto religioso majoritário, e o aparecimento de outras referências e práticas religiosas; de outro lado, podemos constatar mudanças profundas, na própria sociedade inclusiva, que influem na constituição e no comportamento dos atores religiosos, pessoas, grupos e instituições que procuram garantir seu espaço. Por isso, qualquer estudo do campo religioso brasileiro tem que levar em conta a parcialidade nas escolhas dos elementos teóricos para análise do mesmo (Miranda,

³ Esse texto (pag. 4 a 18) corresponde a uma parte modificada do primeiro capítulo da Tese Doutoral em Ciências da Religião, defendida na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP no ano de 2009, pela autora.

1996, p.10). Pierre Sanchis (2001:13) ressalta que as constatações censitárias evidenciam que o campo brasileiro de hoje é feito de muitas religiões. Para esse autor, as referências institucionais são muitas; mas, que talvez seja possível reagrupá-las em subcampos, ou melhor, em grandes tradições que por ora se aproximam e se distanciam. A primeira delas é o Cristianismo, com destaque para o Catolicismo e o universo poroso referido como “Afro”, a segunda seria a ala protestante histórica, já há muito envolta com o fenômeno mais chamativo no campo cristão brasileiro que é a entrada maciça dos pentecostais na disputa por fiéis. Assim, o Cristianismo no Brasil tornou-se plural e cada vez mais complexo e multicultural.

Segundo Jacob⁴ (1998), o processo de colonização do Brasil, baseado na convivência de brancos, índios e negros, fez com que houvesse, desde o período colonial, uma certa diversidade de religiões praticadas no país. Porém as religiões dos índios e dos negros e, mais tarde, o protestantismo dos imigrantes alemães no Rio Grande do Sul e no Espírito Santo, bem como as religiões orientais dos imigrantes japoneses em São Paulo, representavam pouco em termos de população, nesse país que se dizia o maior país católico do mundo. Até os anos 1980, o perfil religioso da população brasileira pouco se altera: a religião católica mantém a sua supremacia herdada da época colonial. Entre 1970 e 1980, nenhuma mudança significativa aparece nos recenseamentos (p.9).

Como mostra o texto em epígrafe, o Brasil contemporâneo é, cada vez mais, um país multirreligioso. Há meio século, essa afirmação soaria errônea, pois a até bem pouco tempo atrás mais de 90% da população se declarava católica. Mas os sucessivos censos vêm demonstrando progressiva diversificação no campo religioso com o surgimento de novas identidades e composições que tornam o quadro cada vez mais complexo.

⁴ JACOB, Cesar Romero (et al.). (2003). “Atlas da filiação religiosa e indicadores sociais no Brasil”. Rio de Janeiro: Ed. PUC - Rio; São Paulo: Loyola. A obra publicada em 2003 é uma coedição da Ed. PUC-RJ e Ed. Loyola, com o apoio da CNBB. Pag.33-34. Estudos Avançados: Dossiê Religiões no Brasil, 18 (52), 2004.

Anos	População total	Católicos	Evangélicos de Missão	Evangélicos Pentecostais	Evangélicos totais	Outras religiões	Sem religião
1970	93.470.306	85.775.047 91,8	-	-	4.883.106 5,2	2.157.229 2,5	704.924. 0,8
1980	119.009.778	105.860.063 91,8	4.022.330 3,4	3.863.320 3,2	7.885.660 6,6	3.310.980 3,1	1.953.085 1,6
1991	146.814.061	122.365.302 83,3	4.388.165 3,0	8.768.929 6,0	13.157.094 9,0	4.345.588 3,6	6.946.077 4,7
2000	169.870.803	125.517.222 73,3	8.477.068 5,0	17.975.106 10,6	26.452.174 15,6	5.409.218 3,2	12.492.189 7,4

Tabela 1 – População total e grupos religiosos no Brasil

Nota-se, na tabela 1, uma aceleração em queda do número de católicos em 4 décadas. Nesse mesmo período, os evangélicos crescem 2,4 pontos entre 1980 e 1991 e os católicos perdem 5,7 percentuais. Do lado evangélico, os pentecostais são responsáveis por esse notável crescimento. Ao longo dessas décadas, houve também uma duplicação do número de pessoas que se declaram “sem religião”, pois os mesmos apresentaram um crescimento de 3,1 pontos percentuais, o que é um crescimento relativamente alto.

O recenseamento demográfico de 2000 revela aquilo que seria para os cientistas sociais e da religião, uma tendência de pulverização do campo que já vinha sendo observada ao longo da década anterior. Assim, de acordo com Jacob, o período que compreende os

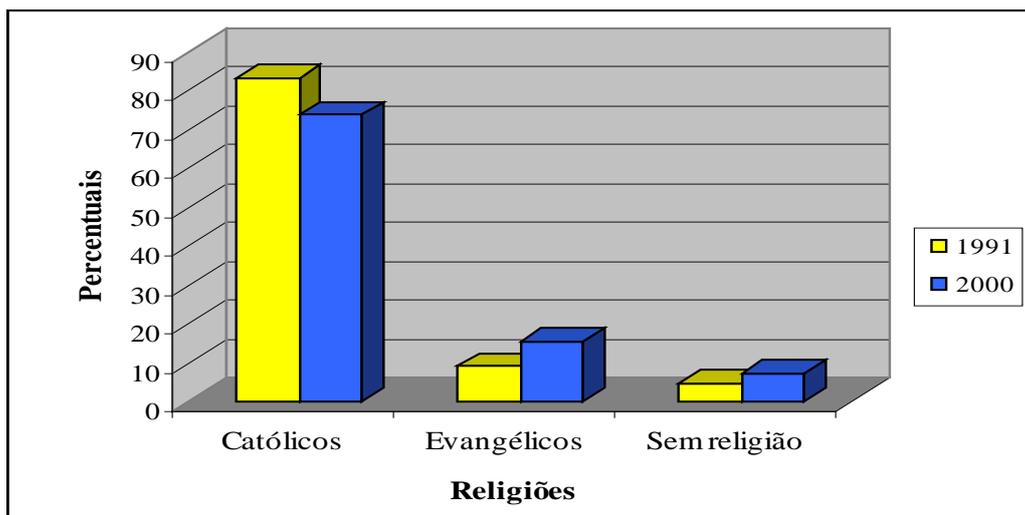
anos de 1980 a 2000 se caracterizou por uma dinâmica no campo expressando um amplo movimento de diversificação religiosa, ligado à redução do número de católicos (-15,1 pontos percentuais), a um forte aumento do número de evangélicos (+9 pontos), principalmente dos pentecostais, e a um expressivo crescimento das pessoas sem religião (+5,8 pontos).

Assim, em 1980, o país era maciçamente católico e a maior parte do território apresentava uma ausência total de diversidade. Já em 2000, a maior parte do país se incorpora ao quadro de diversificação religiosa. No censo de 2000, os dados indicaram que a população que se declarava católica correspondia a 73,8% da população brasileira, enquanto em 1991 esse valor era de 83,3%, o que significa diminuição de 9,5%. A porcentagem da população que se declarava evangélica em 2000 era de 15,5%. Em 1991, era de 9,1%, portanto, aumento de 70,7%. No que diz respeito aos “sem religião”, a porcentagem registrada em 2000 era de 7% ao passo que em 1991 esse valor correspondia a 4,8%.

Tabela 2 - Comparação de conversão religiosa 1991 – 2000

Religiões	1991	2000
Católicos	83,3	73,8
Evangélicos	9,1	15,4
Sem religião	4,8	7,3

GRÁFICO 1. Referente à tabela 2.



O gráfico de nº. 2 apresenta que as pessoas que se declararam católicas representavam em 2000, 73,8% da população do país, refletindo ainda a predominância do catolicismo no Brasil. O segundo maior percentual é correspondente aos evangélicos com 15,4%. Os sem religião representam 7,3% da população. O gráfico de nº. 3 agrupa os estados destacando os que são mais e menos católicos (a seguir).

GRÁFICO 2. Estados brasileiros mais católicos.

Ranking – Estados Mais e Menos Católicos	
<i>5 Mais</i>	
Piauí	90,03
Ceará	86,70
Paraíba	84,94
Rio Grande do Norte	83,77
Maranhão	82,60
<i>5 Menos</i>	

Rio de Janeiro	56,19
Rondônia	57,61
Espírito Santo	63,78
Distrito Federal	66,62
Roraima	66,78

Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados do Censo Demográfico 2000

www.fgv.br/cps

Em resumo, é, pois, dentro desse contexto religioso que se apresenta a perda da hegemonia da Igreja Católica como traço mais significativo dentro da diversidade cristã, seguido do aumento dos evangélicos, o que foi mais surpreendente. Entretanto, a evolução da diversificação religiosa observada no país se relaciona, sobretudo, às regiões onde ela já ocorria antes. A configuração atual da diversidade religiosa dentro do território nacional pode ser lida por seu acentuado índice por região, como por exemplo, temos a maior presença dos católicos na região Nordeste: Piauí com 91,3%, Ceará com 84,9%, Paraíba com 94,2% e Maranhão com 83%. Em Minas Gerais, são 78,8%. A maior presença dos evangélicos se faz em Rondônia, com 27,7%, Espírito Santo, 27,5% e Rio de Janeiro, com 21%. Os “sem religião” são maioria no Rio de Janeiro com 15,5%, em Pernambuco com 10,9%, Bahia 10,2%, Espírito Santo com 9,5%, Mato Grosso do Sul 8,5% e em Goiás com 7,9%. A maior presença católica no Nordeste está ligada a uma dinâmica religiosa do catolicismo tradicional de cunho popular, como as devoções ao Padre Cícero, Frei Damião, Irmã Dulce, etc.

Já a maior presença dos evangélicos no sudeste está relacionada à colonização alemã do século XIX (evangélicos de missão no sudeste e sul). Sabe-se que, no caso capixaba, se trata de espaços ocupados por colonos de origem alemã e de religião evangélica de missão.

Atualmente, a presença evangélica pentecostal nos estados do sudeste vem reforçar a característica dessa religião como expressão de resposta dos centros urbanos. Para

Camurça, em termos de um ideal-típico weberiano, a polaridade se expressaria entre um nordeste tradicional católico e um Rio de Janeiro pluralista e menos católico (2006, p.42). Já Antoniazzi indica que “a diminuição da porcentagem de católicos está associada ao rápido crescimento populacional (migrações) e à lentidão ou insuficiência da resposta pastoral da própria Igreja a esse fenômeno demográfico” (2004, p.402). Na mesma direção, Prandi aponta que o catolicismo “foi ficando cada vez mais desinteressado de oferecer orientação para a vida quotidiana, sofrendo profundo esvaziamento axiológico” (1998, p.22).

GRÁFICO 3. Estados brasileiros mais evangélicos.

Ranking – Estados Mais e Menos Evangélicos	
<i>5 Mais</i>	
Rondônia	27,19
Espírito Santo	24,96
Roraima	22,49
Rio de Janeiro	21,98
Amazonas	21,07
<i>5 Menos</i>	
Rio de Janeiro	56,19

Rondônia	57,61
Espírito Santo	63,78
Distrito Federal	66,62
Roraima	66,78

Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados do Censo Demográfico 2000

www.fgv.br/cps

No entanto, seria um erro não considerar no quadro religioso brasileiro a presença de elementos não-cristãos de diversas origens. Segundo Vasconcellos & Silva⁵, esses grupos não se restringem às tradições indígenas e africanas. O hibridismo dessas em maior ou menor intensidade tem gerado e modificado a Umbanda e o Candomblé, por exemplo. Há também as religiões que vêm do Extremo Oriente, como o Budismo, que chegou no bojo da imigração japonesa. Os grupos e representantes esotéricos também se fazem presentes desde o fim do Século XIX. Judeus e muçulmanos formam comunidades pequenas. Já o espiritismo tem maior expressividade numérica.

Jacob aponta alguns fatores definidores das mudanças mais notáveis que tiveram início nos anos 80, primeiramente, ele identifica que esse processo de mudança está relacionado a três elementos fundamentais da dinâmica da ocupação do território brasileiro: primeiro, a pré-existência de espaços não-católicos ligados à história do povoamento; segundo, o avanço de frentes *pioneiras*, onde os pastores pentecostais encontram terreno favorável junto a uma população migrante desenraizada; e em

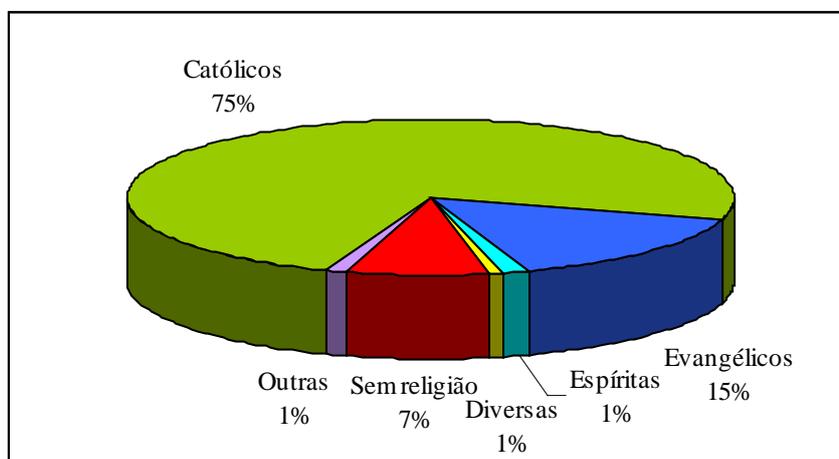
⁵ VASCONCELLOS, Pedro Lima & SILVA, Rafael Rodrigues da. "A Religião no Brasil". In: O'BRIEN, Joanne & PALMER, Martin. (2008). "O Atlas das Religiões: mapeamento completo de todas as crenças". São Paulo: Publifolha. P. 91-93.

terceiro lugar, aponta a urbanização acelerada que favorece o surgimento de novas religiões ou a difusão de religiões vindas do exterior.

Tabela 3 - Ranking das Religiões no Brasil

Religiões	2000
Católicos	73,80
Evangélicos	15,41
Espíritas	1,37
Diversas	0,85
Sem religião	7,26
Outras	1,24

Gráfico 4. Referente à tabela 3.



Em 2002, à partir de resultados parciais do censo 2000, realizado pelo IBGE, revela-se um Brasil mais moderno e de costumes mais liberais que o de uma década atrás, embora a concentração de renda continue escandalosa e o desemprego tenha crescido.

Observamos que, nos últimos anos, houve uma mudança de postura e o desenvolvimento de maior consciência quanto à raça e à etnia, que vêm se manifestando

como um indicativo de alteração nos padrões de identificação e de autoclassificação do povo brasileiro. Isso não é diferente com relação à concepção de religiosidade e de identidade religiosa.

Embasada por uma tradição majoritariamente cristã, a sociedade brasileira, notadamente entre alguns setores sociais, experimenta novas formas de conceber seus deuses e crenças, agora sincretizados e hibridizados com valores de tradições orientalistas e até mesmo relacionados a elementos ditos científicos (Guerriero, 2007).

Na atualidade, são poucos que se declaram totalmente ateus. Cresce o número dos que dizem ter fé, mas rejeitam ligações com instituições religiosas. São "religiosos" sem religião; buscam símbolos e crenças em vários espaços e tradições espirituais para tecer suas "sínteses religiosas pessoais". Ou, então, rompem com religiões de família para estabelecer novos tipos de ligações com cosmologia esotéricas e orientais. Aumenta o interesse pelos fenômenos da mediunidade e possessão. Cresce o número de espíritas e de adeptos das religiões afro-brasileiras. A diversificação de alternativas religiosas na atualidade faz também aumentar o número dos que hoje deixam de se dizer católicos e, publicamente, denominam-se sem religião determinada.

O censo também revela que a distribuição relativa das declarações da religiosidade pela situação do domicílio das pessoas é de que do total de habitantes da área urbana 71,5% são católicos apostólicos romanos, enquanto para o total dos residentes na área rural 83,5% são católicos; isso quer dizer que há mais católicos no interior que nas grandes cidades. Para os evangélicos, as demais religiões e, os *sem religião*, os comportamentos inversos, as maiores proporções estão na área urbana; isso quer dizer que os evangélicos (crentes) concentram-se nas metrópoles. Segundo Guerriero (2007), os grandes centros urbanos da sociedade ocidental e, no caso, brasileira passam por profundas transformações no campo das crenças e valores. Ele, que pesquisa diretamente a metrópole paulistana, afirma que muitas das concepções advindas da espiritualidade "nova era" são divulgadas a toda população pelos meios de comunicação de massa e passam a fazer parte do sistema de crenças mais amplo. Assim, de acordo com esse autor, temos assistido, nas últimas décadas, a uma transformação no universo de crenças e nas práticas religiosas dos grandes centros urbanos.

(...) A complexidade e a dinamicidade da vida social desse começo de

século impõem mudanças rápidas e, por vezes passageiras. Porém, podemos perceber uma ampla transformação nas vivências religiosas. Um católico permanece católico, mas incorpora cada vez mais crenças advindas de outras matrizes. Essa sempre foi uma característica da religiosidade brasileira. O que é novo, no momento, é o conteúdo dessas transformações sincréticas. Mesmo em relação a outras denominações religiosas, mais fechadas em seus próprios universos, como é o caso do protestantismo, assistimos ao mesmo fenômeno. Numa sociedade em que as fronteiras são porosas e as combinações dependem cada vez mais da autonomia dos indivíduos, fica realmente difícil poder afirmar o que crêem seus agentes (Guerriero, 2007).

Enfim, é cada vez mais problemático delinear o panorama religioso brasileiro que, em constante mudança, é marcado por fenômenos como o da “dupla pertença”, o que o torna difícil de ser mapeado, a pesar de passar a ser um traço marcante da religiosidade brasileira. Essa constatação demonstra que a modernidade, intensamente crítica em relação à religião, tem de conviver, nem sempre de forma harmoniosa, com uma religiosidade que teima a se reinventar e se desenvolver das formas mais inesperadas.

1.2 PLURALIDADE RELIGIOSA CAPIXABA

Segundo o IBGE, o panorama estadual das religiosidades da população do país indicou que o catolicismo teve uma maior penetração nos estados pertencentes à Região Nordeste, enquanto os Estados de Rio de Janeiro, Espírito Santo e Rondônia apresentam as menores proporções de católicos apostólicos romanos.

As maiores concentrações de evangélicos estão no extremo norte do país, mais especificamente no Amazonas, Roraima, Acre e Rondônia, e nos Estados de Goiás, Rio de Janeiro e Espírito Santo.

Entendemos que o censo é importante para captar a configuração atual do panorama religioso e suas transformações, mas, no entanto, não captam o que há para além disso. Então, o que poderíamos dizer a partir do atual censo religioso sobre a religiosidade do capixaba? Em que realmente acreditam essas pessoas? Como poderíamos descrever as crenças e devoções dos espírito-santenses? As estatísticas sobre as religiosidades da

população do Brasil e por região revelam uma referência quanto ao conhecimento das suas preferências religiosas.

Seguem algumas tabelas e gráficos ilustrativos:

Tabela 4 - Religiões no Espírito Santo

Religiões	Censo 2000	
	Residentes	%
Católica	1.882.650	60,78
Evangélica	850.442	27,46
Espírita	17.470	0,56
Candomblé e Umbanda	6.559	0,21
Judaica ou Israelita	-	-
Oriental	312	0,01
Outras	28.350	0,92
Sem religião	299.220	9,66
Não determinada ou sem declaração	12.229	0,39
Total	3.097.232	100,00

Fonte: Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatístico – IBGE.

Segundos Censos 2000, divulgado pelo IBGE, os evangélicos já representam 27,55 da população do Espírito Santo. São 850.442 pessoas pertencentes a diversas denominações, espalhadas por três mil templos que se multiplicam a uma média de dois a cada dia, no Estado, segundo reportagem do Jornal A Gazeta⁶. Houve um aumento de 58,0% nos últimos 10 anos, quando esse número era de 448.053 evangélicos, o que representava 17,5% da população.

Por outro lado, houve uma diminuição no número de católicos, que era de 1.936.287, correspondente a (74,5%) em 1991, e caiu para 1.882.650, que representa (60,9%) em 2000. Também aumentou o número de pessoas que se declararam sem religião. Em 1991, eram 156.861, equivalentes a (6,0%) da população, subindo para 299.220, (9,7%) em 2000.

Tabela 5 - Crescimentos das Religiões: comparação da população residente em 1991 e 2000 no Estado do Espírito Santo

Religiões	Censo 1991		Censo 2000	
	Residentes	%	Residentes	%
Católica	1.943.922	74,75	1.882.650	60,78
Evangélica	452.304	17,39	850.442	27,46
Espírita	16.975	0,65	17.470	0,56
Candomblé e Umbanda	7.737	0,30	6.559	0,21
Judaica ou Israelita	86	0,00	-	-
Oriental	1.651	0,06	312	0,01
Outras	2.010	0,08	28.350	0,92
Sem religião	156.860	6,03	299.220	9,66

⁶ Jornal com periodicidade diária da cidade de Vitória, ES, desde 1956.

Não determinada ou sem declaração	5.506	0,21	12.229	0,39
-----------------------------------	-------	------	--------	------

Total	2.600.624	99,48	3.097.232	100,00
--------------	------------------	--------------	------------------	---------------

Fonte: Fundação do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatístico – IBGE/ES.

1.3 PERFIL DA RELIGIOSIDADE NA GRANDE VITÓRIA

Na microrregião de Vitória, observamos um total de 72,0% de católicos (uma maioria considerável), e 18,0% de evangélicos e um total de 8,0% declararam-se sem religião. As religiões mediúnicas apresentam 1,0% de representação.

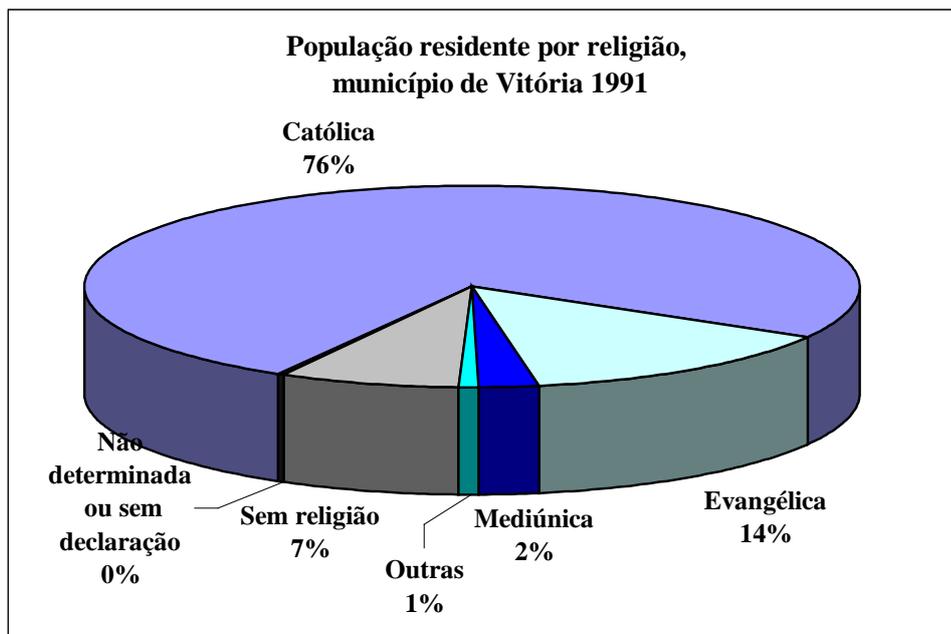
Tabela 6 - População residente por religião - Município de Vitória - 1991

Religiões	Residentes	%
Católica apostólica romana	191.211	7,35
Outras (1)	2.820	0,11
Evangélica tradicional	16.396	0,63
Evangélica pentecostal	18.995	0,73
Cristã reformada	952	0,04
Neo-cristã	1.452	0,06
Espírita	4.634	0,18
Candomblé e Umbanda	1.191	0,05
Judaica ou Israelita	24	0,00
Oriental	552	0,02
Outras (2)	159	0,01

Sem religião	19.407	0,75
Não determinada, mal definida ou sem declaração	985	0,04
Total no ES	2.600.624	9,95

* Fonte: Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. Nota: (1), refere-se à igreja Cristã Tradicional, e engloba as religiões Católica Ortodoxa e a Católica Apostólica Brasileira. (2), engloba o Islamismo, Budismo e diversas outras religiões de grupos menores no estado

Gráfico 5. Referente à tabela 6.



* Fonte: Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE.
Católica: Cristã Tradicional (Católica apostólica romana, Católica Ortodoxa e a Católica Apostólica Brasileira), as duas últimas na tabela referem-se à categoria (outra).

Evangélica: Cristã reformada (Evangélica tradicional, Evangélica pentecostal e Cristã reformada).

Mediúnica: Espírita, Candomblé e Umbanda.

Outras: Neo-cristãs, Judaica ou Israelita, Oriental e outra propriamente dita (Islamismo).
e diversas outras religiões de grupos menores no estado)

Os gráficos e tabelas aqui ilustrados mostram, enfim, a cidade como lugar da multiplicidade. Aparecendo essa diversidade multifacetada no campo religioso como uma marca indelével da vida na cidade. ‘A plausibilidade dessa noção se fundamenta na existência do pluralismo de visões de mundo e na liberdade religiosa’ (Sanchez, 2009, p. 56). O sagrado parece irromper no íntimo dos indivíduos como uma experiência que prescinde de uma instituição reguladora da ortodoxia, sobrepondo-se de um modo geral à dimensão racional ou teológica da experiência religiosa. Ou seja, a vivência aparece como a referência central das formas de crer no âmbito das cidades e nas sociedades de cunho global, em oposição às verdades doutrinárias, porque elas não requerem necessariamente a conversão dos indivíduos.

“(…) O esforço das instituições para assegurar uma “identidade uniforme” parece ir a contrapelo de uma tendência sincrética predominante que busca o intercâmbio entre símbolos pertencentes a diversos sistemas religiosos” (Steil, 2008, p.08).

Para Sanchez, o pluralismo religioso é, na verdade, uma dimensão do espaço urbano; um salto qualitativo no processo de diversificação e multiplicação dos sujeitos religiosos e das visões de mundo de viés religioso. Alguns elementos do campo religioso que mediam as relações entre sociedade, cidade moderna e religião, dos quais são decorrência da condição de pluralismo religioso existentes no espaço urbano, serão pincelados segundo Sanchez (2009, p. 57-63), para melhor compreensão dessas relações e interdependências.

a) Rupturas e reinvenção Religiosa:

Para Sanchez, o primeiro elemento a se apontar é aquele que se refere às rupturas religiosas e à invenção religiosa. O autor toma essa reinvenção como vinculada a ruptura e também é sua consequência, sobretudo, no sentido da criação mesmo de outras

expressões religiosas, com laços institucionais mais flexíveis. Em outros casos, o peso institucional é maior, as rupturas levam à (re)invenção religiosa dentro das próprias religiões através de um processo de acomodação das diferenças. O campo religioso é, no conjunto da sociedade, aquele em que a criatividade aparece com maior ímpeto, seja através de novos símbolos, mitos, ritos, ou seja, através de novas configurações doutrinárias e organizacionais. Para Sanchez, essa criatividade pode ser definida como um processo de re-invenção religiosa. Isso seria um exemplo, entre outros, de re-arranjo pessoal ou individual e coletivo de agrupamento de sentidos religiosos no âmbito do privado e da subjetividade do indivíduo moderno.

b) Polissemia das Religiões:

Outro elemento é aquele que se refere à capacidade das religiões de assumirem diversos sentidos, que estão relacionados com a vida urbana. Podemos chamar esse fenômeno de polissemia das religiões na cidade: para responder as novas demandas colocadas pelas pessoas na cidade, as religiões elaboram sentidos novos e reelaboram sentidos a partir daqueles já existentes. Numa situação de conflito ou de crise de sentido, as religiões na cidade contribuem para melhor organizar o olhar sobre o mundo e a atuação das pessoas. Exemplo disso, entre outros, são os novos movimentos religiosos (NMR's) que apresentam para o seu público uma quantidade razoável de símbolos e ritos antigos e novos

Crise da Hegemonia:

Os elementos apresentados sinteticamente como rupturas religiosas-reinvenções religiosas e a polissemia religiosa das religiões na cidade – apontam para outra característica do campo religioso na cidade: a crise da hegemonia da religião.

A cidade moderna é o lugar do capital, isto é: a cidade do capital. Sanchez destaca que o surgimento de um novo grupo social, a burguesia mercantil, e agora a elite econômica a cidade passa a ser o seu território no qual se concentram as atividades mercantis, manufatureiras, financeiras e de administração dos negócios. Dessa forma, a cidade se identifica e se organiza conjuntamente com uma nova forma de organização: o capital.

O processo que se dá no campo religioso é diferente daquele que se dá no campo econômico e no político. Se nestes campos temos a hegemonia do capital, no campo

religioso vamos encontrar o pluralismo e, conseqüentemente, a negação da hegemonia. Isso se dá porque são regidos os campos por lógicas diferentes.

(...) De qualquer forma, as religiões antes hegemônicas ou aquelas que não estavam nessa condição, vêm-se agora envolvidas num esforço de redefinição da identidade religiosa para apresentarem sua mensagem com consistente plausibilidade para poderem sobreviver como comunidades de sentido na cidade moderna e na sociedade contemporânea (SANCHEZ, 2009, P. 63).

Algumas Considerações Finais:

Religião e cidade possuem relações ambíguas. Se de uma parte, as práticas religiosas atuam de modo a *re-ligar* determinados grupos sociais no seio da urbe, de outra, os códigos religiosos acabam por particularizar estes grupos diante de outros grupos religiosos ou não religiosos, sobretudo na forma de intolerâncias e preconceitos, fragmentando o tecido social e promovendo uma segregação sócio-espacial na cidade.

Esse breve estudo revelou uma metrópole que evidencia a dialética da exclusão e inclusão social, que pode muitas vezes, estar associada a partir de fatores que, de certa forma, estão vinculados à religião. Nesse contexto, apresenta-se uma realidade paradoxal das religiões e sua função social, que possibilita incluir ou excluir, integrar ou desintegrar o indivíduo num determinado espaço geográfica, num grupo ou dentro da própria religião. Segundo Antônio Flávio Pierucci, “embora haja relação direta entre alta renda e catolicismo e pobreza e pentecostalismo, este é apenas um fator explicativo” (Pierucci, 2003: 2). Pierucci lembra ainda que há outros fatores, como já

apontamos anteriormente, como o aspecto cultural e a migração, bem como o trânsito religioso, a re-invenção religiosa, a polissemia das religiões e a crise da hegemonia, que acabam afunilando-se num trânsito religioso vertiginoso tanto quanto a ascensão social do indivíduo e sua inserção na sociedade moderna.

Podemos, enfim, com esses dados, certificarmos de que o catolicismo continua sendo a religião da grande maioria dos capixabas. Esse quadro se repete ainda, no resto do país. Um número tão expressivo como esse confirma que a religião católica ainda tem uma significativa aceitabilidade na sociedade, e, portanto, possibilita que o fiel vislumbre uma maior aceitação social declarando-se católico na pesquisa censitária, embora, na prática, nem sempre os mais desfavorecidos socialmente se sintam acolhidos nos ditos espaços sagrados da religião católica, favorecendo, assim, o chamado, trânsito religioso.

Referências:

CAMARGO, C. P. F. 1973 Católicos, protestantes, espíritas, Petrópolis, Vozes.

CAMPOS, L. S. 2006 “Indicadores sociais e afiliação religiosa no Grande ABC paulista”, Estudos de Religião, n.31 (Jun): pp154-193.

_____. 1997 Teatro, templo e mercado: Organização e marketing de um empreendimento neopentecostal, Petrópolis-São Paulo, Vozes-Simpósio-Umesp.

DATAFOLHA, 06/05/2007 “As religiões dos brasileiros”, Folha de S.Paulo, Caderno Especial.

ECO, U.; MARTINI, C. M. 2006 Em que crêem os que não crêem?, Rio de Janeiro, Record.

FERNANDES, S. R. A. (org.) 2004 Mudança de religião no Brasil: desvendando sentidos e motivações, Rio de Janeiro-São Paulo, CERIS-Palavra & Prece.

_____, S.R.A. e PITTA, M. 2006 “Mapeando as rotas do trânsito religioso no Brasil”, em Religião e Sociedade, n.26 (2), pp.121-154.

HIGGIS, P. M. 1921 Almanaque evangélico para 1922, São Paulo, s.e. IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. 2003 Censo Demográfico 2000 – Características gerais da população – resultados da amostra. Rio de Janeiro, IBGE.

JACOB, C. R.; HEES, D. R.; VANIEZ, P.; BRUSTLEIN, Violette. 2006 Religião e sociedade em capitais brasileiras, Rio de Janeiro-São Paulo, CNBB-PUC-Rio-Loyola.

SANCHEZ, Wagner Lopes. A multiplicidade religiosa no espaço Urbano.IN: AFONSO, Maria Ligório Soares & PASSOS, João Décio Passos (org's). Fé na Metrópole: desafios e olhares múltiplos. São Paulo: Paulinas: EDUC, 2009. p. 47-65.